

Isolados, ameaçados. São os Guajá, na terra de Sarney



Foto: Carlo Ubijati

Vivendo nas matas a Serra da Desordem (MA), os Guajá correm o risco de desaparecer se suas terras não forem demarcadas

Você sabia que na terra do presidente Sarney, o Estado do Maranhão, ainda há índios sem contato? Pois eles existem, sim. São os Guajá, um povo indígena nômade, dos quais não se sabe, ainda, o número exato. Acossados por latifundiários, eles não têm ainda sua terra garantida, vivendo, portanto, em situação muito pior do que a média da população brasileira, flagelada pela "nova república" do maranhense Sarney.

Atualmente, os Guajá vivem nas matas da Serra da Desordem e nos altos rios Pindaré, Caru, Turiaçu e Gurupi, para onde fugiram na década de 50, quando empresas agropecuárias, fazendeiros e lavradores começaram a se fixar em seu território, a Reserva Florestal de Gurupi, transformada em pastos e nas atuais cidades de Bom Jardim e Santa Luzia. Os remanescentes Guajá estão novamente correndo o risco de desaparecer, se seu atual território, a Área Indígena Awá-Gurupi, não for garantida judicialmente. Além das frentes de expansão, essas terras estão ameaçadas pelas usinas siderúrgicas que começam a ser implantadas na região.

Para conseguir a demarcação e garantir a área livre de invasões e projetos oficiais, o Cimi, juntamente com o Cedi (Centro Ecumênico de Documentação e Informação) e a ABA (Associação Brasileira de Antropologia), lançaram a Campanha Guajá. A intenção é que o território seja demarcado até o mês de junho próximo, quando termina o prazo fixado pelo convênio entre a Funai, o Ministério do Interior e a CVRD (Companhia Vale do Rio Doce) para a legalização de todas as terras indígenas na área de influência do Projeto Carajás (ver PORANTIM nº 43). A partir de então, a demarcação seria mais difícil, pois atualmente a CVRD dispõe de recursos para realizá-la.

Se existem organismos dispostos a apoiar a Campanha Guajá, há entidades que trabalham em sentido contrário. É o caso do IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal), que, a pretexto de defender as matas onde vivem os Guajá, alega que na área deve ser criada uma reserva biológica, e não legalizada a Área Indígena Awá-Gurupi. Só que, nos últimos 20 anos, o IBDF não foi capaz de impedir a devastação de grande parte da Reserva Florestal do Gurupi, criada pelo Decreto

5.026, de 25 de julho de 1961. Hoje, essa reserva, terra de ocupação dos Guajá, encontra-se cortada por estradas e invadida por fazendas, empresas agropecuárias e de colonização e pelo próprio Projeto Carajás. É estranho que o IBDF tenha essa posição, quando se sabe que a área indígena é a única forma de garantir a preservação da floresta da Serra da Desordem.

Quem são

Povo de língua tupi-guarani e vivendo em grupos de quatro a 30 pessoas, os Guajá, que se autodenominam Awá, pertencem a uma das últimas sociedades nômades e que vivem exclusivamente da pesca e da caça. Segundo o antropólogo Mércio Gomes, estudioso desse povo, os Guajá perderam a prática da agricultura há aproximadamente 300 anos, quando deixaram o Pará em direção ao Maranhão, fugindo das primeiras frentes de colonização.

Inimigos tradicionais de outros povos índios do Maranhão, fizeram do nomadismo sua garantia principal de defesa e sobrevivência. Na cabeceira do rio Turiaçu e no médio Gurupi, eram perseguidos pelos Urubu-Kaapor e pelos Tembê. No alto rio Caru, os ataques partiam dos Guajajara. É provável que, no início deste século, sua população girasse em torno de 600 pessoas.

A partir de 1930, devido os contatos com o homem branco, há um espantoso decréscimo

populacional entre os Guajajara, Tembê e Urubu-Kaapor, quase dizimados por diversos surtos epidêmicos. E quando, então, a população guajá, então já não hostilizada pelos outros índios, começa a crescer e a espalhar suas bases territoriais até os rios Zutis e Buriticupu, no noroeste do Estado do Maranhão. Acredita-se que o número de Guajá, em 1950, tenha chegado a aproximadamente 800 pessoas.

Mas a década de 1950 foi também o período em que grandes lavras de lavradores dos vales dos rios Itapecuru e Mearim, no Maranhão, começaram a ser expulsas de suas terras. Foi também a época de uma forte seca no Nordeste. O caminho tomado por estes trabalhadores expulsos e nordestinos migrantes foi o do noroeste do Maranhão, penetrando nos vales dos rios Pindaré, Caru e Gurupi, na reserva florestal de Gurupi, onde até então estavam vivendo os Guajá. Junto com eles, chegaram doenças como sarampo, gripe, coqueluche e malária, que, além de causarem a morte de um grande número de índios, provocaram a fuga de vários grupos de Guajá para as matas das cabeceiras dos rios. Um grupo de 8 a 12 índios chegou a alcançar o norte do Estado de Goiás e, segundo informações, estaria hoje na Serra da Cangalha, no município de Goiatins, onde vivem há muito tempo os Krahô.

A partir de 1970, com o início da construção das rodovias BR-316

(Recife-Belém) e BR-222 (Açailândia-São Luís), o território histórico dos Guajá foi definitivamente ocupado pelos brancos. As duas estradas abriram caminho para milhares de lavradores que traziam em seu rastro os grileiros de terras. Nas áreas onde viviam não apenas os Guajá mas também os Guajajara e Urubu-Kaapor, formaram-se as cidades de Santa Luzia e Bom Jardim. Nesses dois municípios, antigo território indígena, encontram-se hoje inúmeros latifúndios, empresas agroindustriais, loteamentos, passando por eles, ainda, a Ferrovia Carajás-Itaqui.

Apenas para alimentar os fornos das usinas siderúrgicas que começam a ser instaladas no local, conforme prevê o Projeto Grande Carajás, as fábricas de carvão vegetal vão consumir anualmente 25 milhões de metros cúbicos da floresta, ou seja, 80 mil hectares de mata serão derrubados por ano. E o IBDF, o que diz disso?...

População

Não se sabe exatamente a população atual guajá. Conforme dados recolhidos recentemente pelos missionários do Cimi no Maranhão, o Posto Indígena Awá, localizado na Área Indígena Caru, assiste a 72 deles. No PI Guajá, na Área indígena Alto Turi, os funcionários da Funai mantêm contato com 37 Guajá.

Segundo informações fornecidas por esses mesmos Guajá, e ainda por índios Guajajara e por peões, caçadores, posseiros, empregados de fazendas e madeireiros que hoje ocupam a região, há outros grupos Guajá perambulando dentro e fora das áreas indígenas, sempre fugindo de qualquer contato com o homem branco. Esses grupos somariam, aproximadamente, 100 pessoas. Mas há ainda outros Guajá vivendo nas florestas da Serra da Desordem, dos quais não se têm notícias precisas.